# ÍNDICE


*Prefácio de Daniel Radcliffe* 13
*Prólogo* 15

Introdução: O Duplo Desconhecido 23

**Parte Um: Ação!** **35**
1. Do Outro Lado do Medo 37
2. Ilusões 50
3. A Escola das Pancadas Fortes 65
4. Saúde e Segurança! 83
5. Um Teste de Feitiçaria Desagradável e Esgotante 100
6. Magia Negra 115
7. Olho de Coelho, Fundo do Coração, Transforma esta Água em Rum 134
8. Dores de Crescimento 150

**Parte Dois: Corta!** 167
9. A Última Vez para Tudo 169
10. O Local Silencioso 183
11. Um Plano para a Vida 194
12. O Mestre das Poções 209
13. A Perda dos meus *Horcruxes* 229
14. Vai Piorar antes de Melhorar 241
15. O Caminho do Artista 254

*Epílogo* 273
*Agradecimentos* 281

# PREFÁCIO

De uma maneira ou de outra, o David Holmes tem sido uma das pessoas mais importantes na minha vida ao longo dos últimos 24 anos. Conhecemo-nos quando eu tinha 11 anos e ele, 17. Eu tinha sido escolhido para o papel de Harry Potter e o Dave ia ser o meu duplo. Sendo filho único, em criança sempre desejei ter um irmão mais velho, e o Dave era o candidato perfeito. Era carismático, inteligente, extremamente talentoso, tão confiante que quase era arrogante, e incrivelmente divertido. Ao longo dos seis filmes seguintes, à medida que eu passava de miúdo a adolescente, ele foi um amigo, confidente e mentor, dando-me conselhos e o seu ponto de vista, como alguém uns anos mais velho.

O David era um ginasta e um duplo. Era alguém cuja identidade estava inextricavelmente ligada à sua fisicalidade. Como duplo, era destemido, habilidoso e entusiasmante, parecendo ter sempre tudo sob controlo, mas sempre a esforçar-se para alcançar mais. Desde o seu acidente em 2009, tenho-o observado a enfrentar um desafio de uma magnitude que a maioria não consegue sequer compreender. Teve de reconstruir totalmente a sua identidade. Era uma pessoa fisicamente ativa, subitamente forçado a questionar-se sobre quem era sem todas as dádivas que o faziam sentir-se como ele próprio. Enfrentou este desafio com mais graciosidade, gentileza e otimismo do que eu alguma vez conseguiria.

Tive a sorte de fazer um documentário sobre o Dave ao longo dos últimos anos e fiquei muito agradecido pela oportunidade de partilhar a sua história. Mas não é possível contar tudo num filme de 90 minutos, e há mais sobre a história do Dave que deve ser ouvido. Algumas das coisas aqui incluídas foram cortadas do filme, por falta de tempo, e algumas não foram incluídas porque, bem, simplesmente não o podíamos fazer por razões que irão compreender! Mas este é o livro dele, e ele é que decide o que é incluído aqui. Por isso… preparem-se para ler muito mais sobre drogas, as suas partes íntimas e conduções acima do limite de velocidade do que aquilo que foi incluído no documentário.

Como já referi, quando nos conhecemos eu tinha 11 anos e o Dave, 17. Nessa altura, a diferença de seis anos parecia enorme, quase parecia que éramos de espécies diferentes. Mas, à medida que crescemos, o peso dessa diferença de idades diminuiu, e agora somos simplesmente dois homens nos seus trintas, com mais coisas em comum do que nunca, e com mais coisas que nos separam. Observar o Dave após o acidente tanto tem sido doloroso — porque, claro, como amigo, desejei que nada disto tivesse acontecido e que, de alguma forma, pudesse reverter o tempo para que tudo voltasse a ser como era — como um grande privilégio: ter a possibilidade de ver um dos meus melhores amigos demonstrar tanta coragem, tanta força de caráter, tanta empatia perante uma adversidade implacável, tem sido elucidativo e inspirador. Tenho muita sorte por o Dave fazer parte da minha vida. Todos aqueles que o conhecem sentem-se sortudos por o terem nas suas vidas, e sempre se sentirão. Ele é único, um ser humano raro e alguém que é um orgulho e uma honra conhecer.

DANIEL RADCLIFFE, 2024

# Prólogo

**O RAPAZ QUE SOBREVIVEU**
**EPISÓDIO PILOTO: SÓ VIVES REALMENTE**
**QUANDO ESTÁS PRESTES A MORRER**

**CRIADO POR DAVID HOLMES**
**ESCRITO POR DAVID HOLMES**

**RIPPLE PRODUCTIONS//**

ABRIR EM:
ESTÚDIOS WARNER BROS., N.º 101, LEAVESDEN, INGLATERRA

Janeiro de 2009:
*No cavernoso cenário D em Leavesden, vê-se uma imagem de DAVID HOLMES — o duplo audaz de 25 anos do ator adolescente globalmente famoso DANIEL RADCLIFFE, também conhecido como HARRY POTTER. David está à espera para ensaiar uma acrobacia dramática para* Harry Potter e os Talismãs da Morte, *o sétimo filme da saga multimilionária. Nesta acrobacia, David irá voar de costas, como parte de um confronto em Godric's Hollow com a serpente de estimação de Voldemort, a Nagini. Para obter este efeito, David tem de ser colocado num arnês, que está ligado a um cabo que percorre todo o estúdio. No final desse cabo, há uma série de pesos. Quando estes caírem, a transferência de energia irá propulsionar David pelo ar. E, se tudo correr bem, ele irá colidir — espetacularmente, mas em segurança — com uma parede de colchões. É uma técnica padrão e foram tomadas todas as precauções de segurança. Mas, como com todas as acrobacias, os riscos são elevados e aceites como tal.*

*Mas não corre tudo bem. Enquanto esperamos que o aclamado coordenador de acrobacias GREG POWELL diga «Ação!», David revela as consequências dos eventos dramáticos que se seguiram.*

DAVID:
[VOZ-OFF] Aqui está: o último segundo antes de a minha vida mudar para sempre. O último segundo em que consigo estar de pé. O último segundo em que consigo sentir tudo. Neste momento, já experienciei o meu último abraço, a minha última dança, a última vez que entrei no duche ou usei a sanita sem qualquer ajuda. Porque,

um segundo depois de esta fotografia ter sido captada, parti o pescoço.

O ECRÃ FICA NEGRO

GREG POWELL:
[A GRITAR] *OK*, David. Pronto?

DAVID:
[A GRITAR] Sim.

A IMAGEM REGRESSA AO ECRÃ

*A foto ganha vida. David está a preparar-se para a força do movimento. Sentirá dor — ele sabe-o, mas não é nada que já não tenha experienciado e superado. Ao longo da sua carreira de dez anos como duplo, já partiu vários ossos, fraturou membros, teve diversos traumatismos cranianos e muitas hemorragias nasais, e até passou pela doença da descompressão. É baixo, de pequena estatura — 1,57 metros, e magro —, o que levou muita gente a duvidar dele. Mas David é também musculado e flexível, e aprendeu a usar essas dúvidas como motivação. Elas dão-lhe energia para proezas que desafiam a morte, tal como esta. A sua adrenalina aumenta. Está na hora.*

*A equipa de produção habitual está presente para este tipo de ensaios. Entre eles está outro duplo e o melhor amigo de David, MARC MAILLEY. Enquanto observam, David ajusta os pés e espera pela inevitável contagem decrescente.*

GREG POWELL:
[A GRITAR] Três…
… Dois…
… Um…
AÇÃO!

*Os pesos caem ao chão com um estrondoso BUM. Ouvimos o barulho dos cabos enquanto David é atirado ao ar, através da sala, a alta velocidade. Mas algo está mal. Ele está a mover-se demasiado depressa. Quando o seu corpo vai de encontro à parede de colchões, de costas, fá-lo num ângulo perigoso. O corpo dobra-se sobre si mesmo. O nariz de David bate-lhe contra o peito, fraturando as vértebras C6 e C7. Ele cai ao chão com um baque doloroso. Deitado, sem fôlego, em agonia, incapaz de falar, com as terminações nervosas queimadas e os músculos a contorcer-se, há a sensação de que algo correu horrivelmente mal.*

*Greg e Marc correm para David. Que não se mexe.*

GREG:
[A GRITAR] David!
[NUM SUSSURRO] *David…*

DAVID:
[A GEMER DE DOR]…

GREG:
[A APERTAR A MÃO DE DAVID] Respira.
[LENTAMENTE] Respira.
David, consegues apertar os meus dedos? Diz-me o que sentes.

DAVID:
[A GEMER]…
Não sinto nada.
Merda. Parti o pescoço.

*David olha nos olhos de Greg, assustado. Está com dificuldade em respirar e quase não consegue falar. O seu olhar diz tudo. Isto é mau. Atrás dele, há gente a correr por todo o lado. Alguém pede que chamem uma ambulância.*

MARC:
Não te mexas. Não faças nenhum movimento.
[A SUSSURRAR] A ajuda está a chegar.

*David fecha os olhos.* Merda! Estará morto? *Depois, abrem e fecham-se de novo. Marc verifica a sua respiração. Desmaiou.* Graças a Deus.

MARC:
Merda.
MERDA!
[A OLHAR EM VOLTA] Quem é que vai chamar a porra da ambulância?

*Os olhos de David voltam a abrir-se. A cara contorce-se de dor. Está a tentar comunicar qualquer coisa a Marc, mas a voz sai-lhe demasiado baixa. Marc aproxima-se.*

MARC:
Meu…
Deixa-te estar. Guarda as tuas forças…

DAVID:
Não. Liguem…

MARC:
[APROXIMANDO-SE AINDA MAIS]: Não te mexas, Dave…

DAVID:
Não liguem…
… à minha mãe…

MARC:
*OK*?

DAVID:
Não…
… a preocupem…

*Marc e Greg olham um para o outro, em choque. Uma enfermeira do estúdio vem a correr. Traz consigo uma pequena garrafa de oxigénio. David olha para a sua esquerda. Volta a gemer.*

MARC:
Meu… o que foi?

DAVID:
[ENTRE RESPIRAÇÕES] Câmara.

*Marc segue os olhos de David. Do outro lado do estúdio está uma câmara de vídeo portátil, um aparelho que ele usa para gravar todas as sessões de filmagens. Está montada num tripé. Uma luz verde lateral pisca, o que significa que a câmara capturou o acidente de David na sua totalidade. As gravações são, normalmente, usadas para que este possa analisar as suas acrobacias e ver se existem melhorias que podem ser feitas. Desta vez, a câmara capturou a sua última acrobacia de sempre, a salvação para o seu futuro financeiro.*

DAVID:
[A SUSSURRAR] Meu… Guarda-a com a tua vida.

*A enfermeira coloca uma máscara de oxigénio na cara de David, tendo cuidado para não lhe mover o pescoço. Os seus olhos fecham-se. Desmaiou outra vez. Há mais gritos. Dois paramédicos acorrem ao estúdio. Greg e Marc afastam-se para que estes se aproximem. Observam em silêncio, as suas vidas mudadas para sempre.*

O ECRÃ FICA NEGRO.

# INTRODUÇÃO

## O DUPLO DESCONHECIDO

Alerta de *spoiler*: este livro foi escrito a partir de uma cadeira de rodas. Isso é porque o autor é tetraplégico; está paralisado do peito para baixo devido ao acidente terrível descrito naquele guião, naquela cena, *naquela acrobacia* — a última vez que pude andar, saltar ou voar como duplo. Em janeiro de 2009, uma acrobacia apoiada por cabos correu mal, o que resultou na minha colisão com um colchão a uma velocidade impressionante e a fraturar as vértebras C6 e C7. Desde então, a minha doença foi diagnosticada como degenerativa. O que significa que os meus membros funcionais vão perder a força com o tempo e, além da perda da capacidade de usar os meus braços, há uma grande probabilidade de, a certa altura, no futuro, passar a precisar de assistência mecânica para realizar as funções inatas de respirar, falar e comer.

Portanto, foda-se a minha vida. *Certo?*

Nem pensar, porque o simples resumo da minha carreira é uma leitura poderosa. Até ao acidente, tive o Trabalho de Sonho: entre os 14 e os 25 anos, trabalhei como duplo profissional, sendo que sete desses anos foram como duplo principal de Daniel Radcliffe na saga *Harry Potter*. Como estabelecido no meu contrato, tornei-me no primeiro jogador de *Quidditch* de sempre. Saltei de castelos e lutei com dragões; naveguei em mundos subaquáticos e acumulei mais milhas

em vassouras do que qualquer outro humano. Até lutei contra o grande feiticeiro das trevas, Lord Voldemort — *Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado*. Isto é, até tudo me ser roubado. Não que eu esteja à procura de compaixão. Sabia no que me estava a meter logo no primeiro dia, no cenário de um filme em que os riscos mortais que um duplo enfrentava eram óbvios para toda a gente envolvida. Portanto, se estão à procura de lágrimas de crocodilo, podem ir procurar a outro sítio.

E não era o único com essa atitude. O meu setor de atividade era extremo e a indústria de acrobacias à qual me juntei baseava-se no risco mortal. Entre os meus colegas no Mundo da Feitiçaria, havia uma série de lemas e mantras que serviam de lembrete para a linha ténue que separa a execução bem-sucedida de uma acrobacia de um acidente transformador no qual o duplo se despista e arde — às vezes, literalmente. Entre eles: *Nunca mostres dor, nunca te queixes. Aguenta a pancada.* E: *Só vives realmente quando estás prestes a morrer.* Nada disto era invulgar ou novo. Os machos e as fêmeas alfa das acrobacias existem desde que esta indústria surgiu e, nas primeiras produções de cinema, no início do século XX, alguns atores de Hollywood realizavam as suas próprias acrobacias. O público via gente como Buster Keaton, Charlie Chaplin e Douglas Fairbanks pendurados em relógios a grandes alturas, ou imóveis enquanto toneladas de edifícios caíam à sua volta, ou a deslizar pelas velas de um barco pirata, alfange na mão e uma faca entre os dentes. Nessa altura, os protocolos de segurança eram questionáveis. Se um ator falhasse a sua marca por um centímetro ou dois, a morte esperava-o do outro lado, e as audiências enchiam as salas de cinema para ver a ação desenrolar-se. A história por detrás dos êxitos de bilheteira era inegável: as acrobacias faziam dinheiro.

Muito antes de ter assinado o meu primeiro contrato como duplo infantil, a indústria das acrobacias tinha sofrido grandes avanços e, desde cerca de 1910, os duplos profissionais, alguns deles antigos trabalhadores de *rodeos* ou circos, eram incumbidos de realizar o trabalho mais perigoso. Com eles chegou todo o tipo de avanços cinemáticos no que diz respeito à tecnologia e ao equipamento. Os duplos, tanto

homens como mulheres, eram lançados por cabos, plataformas elevatórias hidráulicas e equipamentos de topo reaproveitados, como o «baloiço russo»[1]. Mais tarde, as imagens geradas por computador transformaram os pavilhões dos estúdios, cheios de telas verdes, colchões e cabos, em torres de castelos, em precipícios, ou na rampa aberta de um avião a voar a grande altitude. Mas o realismo era tudo, e alguns atores, como Tom Cruise, ainda insistiam em fazer as suas próprias acrobacias, sendo que a mais famosa acontece no filme *Missão: Impossível – Ajuste de Contas*, na qual o ator, ao volante de uma mota, salta de um precipício antes de aterrar de paraquedas. O realizador, Christopher McQuarrie, descreveu esta acrobacia como a mais perigosa alguma vez feita, o que não é de surpreender, sendo que a mesma exigiu a realização de 13 mil saltos de mota e 500 horas de treino de paraquedismo.

O segredo menos bem guardado de Hollywood é que o trabalho dos duplos é o ingrediente secreto — dá vida aos filmes. Como a cena em que Indiana Jones foge de um pedregulho nos primeiros minutos de *Os Salteadores da Arca Perdida* ou a luta na floresta em *O Tigre e o Dragão*. A euforia também pode acontecer enquanto os atores estão sentados, como na corrida de quadrigas em *Ben-Hur*, na perseguição de mota em *Exterminador Implacável 2: O Dia do Julgamento* e na cena do helicóptero no *Matrix*. A violência também é outro elemento favorito das audiências. Há a luta com espadas em *A Princesa Prometida* e as cenas de abertura brutais em *O Resgate do Soldado Ryan*. Os filmes da saga *James Bond* sempre tiveram imensa ação: é impossível esquecer o *bungee jumping* em *007 – GoldenEye*, o *parkour* em *007 – Casino Royale* e o salto de esqui com paraquedas em *007 – Agente Irresistível.* Até o primeiro jogo de *Quidditch*, em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* foi um capítulo memorável da história do cinema. Todas estas cenas adicionaram adrenalina às histórias que contavam. E todas foram coordenadas e realizadas por pessoas como eu.

[1] Estrutura semelhante a um baloiço infantil, na qual uma plataforma comprida, sobre a qual os acrobatas se equilibram, baloiça para a frente e para trás. [*N. T.*]

Mas estes momentos de magia de Hollywood têm, por vezes, um custo, e demasiados atores ficaram feridos em acidentes como aquele que mudou a minha vida. Outros morreram. Nas filmagens de *Top Gun – Ases Indomáveis*, o duplo Art Scholl perdeu a vida quando o seu avião se descontrolou, fazendo-o despenhar-se no oceano Pacífico. Durante a realização de *007 – Missão Ultra-Secreta*, o duplo Paolo Rigon morreu enquanto filmava a cena na qual James Bond esquia numa pista de trenós. Ficou preso debaixo de um trenó e foi arrastado a grande velocidade. Mais recentemente, uma motociclista embateu fatalmente contra uma janela de vidro laminado durante as gravações do filme *Deadpool 2*.

Apesar destas tragédias, e dos lembretes diários quanto aos perigos que corria, nunca senti medo enquanto trabalhava como duplo. Nervos, sim. Um pouco de ansiedade, claro. Mas terror absoluto? *Nem pensar*. No que me dizia respeito, as recompensas eram muito mais elevadas do que os riscos, tal como acontece com qualquer pessoa envolvida em modalidades desportivas ou estilos de vida radicais. Havia adrenalina. Havia aclamação. Havia respeito. E a emoção de concretizar uma acrobacia difícil e de poder vê-la no grande ecrã era suficiente para me ajudar a superar o medo. Uma vez, enquanto trabalhava na saga *Harry Potter*, fui projetado para trás por um feitiço de Severus Snape, o Príncipe Meio-Sangue, *e ficou fantástico no ecrã*. Mais tarde, fui lançado pelo ar pelo Salgueiro Zurzidor, *e foi mágico*. O dinheiro também ajudava. E cada cicatriz e osso partido colocava mais uma história no corredor da fama dos duplos.

Até, claro, que chega o momento em que esses ossos partidos se tornam quase fatais.

***

Para o mundo exterior, os duplos provavelmente parecem lunáticos imprudentes. Gente com pouca preocupação para com a sua segurança pessoal e que opera no mundo do brilho e do *glamour* de Hollywood. Associam-nos com o papel de Ryan Gosling como

duplo no filme de 2024, *Profissão: Perigo*. (Ou, se forem mais velhos, com o papel original de Lee Majors como Colt Seavers.) O mito é, por certo, parcialmente verdadeiro. Já convivi com alguns dos atores mais famosos do mundo, fui a estreias de filmes, e bebi champanhe e meti pastilhas em discotecas exclusivas, muitas vezes com colegas de trabalho. Mas, segundo a minha experiência, a equipa de duplos de um filme trabalha de uma forma muito semelhante às equipas nas *pit stops* em corridas de Fórmula 1. Éramos superprofissionais; não havia margem para erros; e a confiança era tudo, uma vez que os riscos eram tão altos. A vida de toda a gente estava nas mãos do grupo, e formou-se um laço profundo entre nós, num ambiente em que se trabalhava muito, mas festejava-se ainda mais. Esses momentos de *glamour* hedonístico, apesar de memoráveis, eram completamente superados pelas longas noites a trabalhar no filme, pelas horas incontáveis passadas no estúdio, e pelos turnos duros, após os quais ia para casa a coxear, exausto e dorido.

Não que me queixasse. A gestão da dor é um dos muitos atributos que um duplo tem de possuir, tal como a capacidade de não se queixar muito. Na minha estreia no Mundo da Feitiçaria, no filme *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, fui o infeliz recipiente de uma fratura nas costelas durante a filmagem de uma cena na qual estava vestido de Harry, no seu uniforme de Hogwarts. O realizador, Chris Columbus, precisava que eu lutasse contra Quirinus Quirrell — o professor de Defesa Contra a Magia Negra na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts — enquanto este estava a ser controlado por Lord Voldemort nas Câmaras Subterrâneas. Nessa cena, a pedra cai ao chão, e no guião estava escrito que ambas as partes devem correr na sua direção. Na corrida, durante uma cena que foi eliminada, o duplo de Quirrell, Paul Herbert, deveria voar pela divisão preso a um cabo, que estava a ser controlado por técnicos fora de cena. Sem ter qualquer culpa, falhou o alvo, colidiu comigo e os seus joelhos atingiram-me a barriga com força. Senti duas costelas a partirem-se durante a colisão.

Normalmente, esforçava-me para esconder a dor. Só tinha 17 anos na altura e ainda estava a habituar-me ao tipo de feridas de guerra

que faziam parte do trabalho. Dessa vez, a dor na barriga foi demasiado forte para que a ignorasse.

— Acho que parti as costelas — ofeguei.

Uma mão reconfortante pousou nas minhas costas.

— Estás bem? Consegues respirar? — perguntou uma voz.

Estava sem fôlego, mas ainda capaz de respirar.

— Sim, consigo…

— Ótimo, então levanta-te — disse a voz. — Não perfuraste um pulmão, e não há nada que se possa fazer em relação a uma costela partida, portanto, aguenta.

Levantei-me, lentamente. Era como se alguém me tivesse acertado com um taco de beisebol na barriga.

— E… David? — chamou a voz.

— *Sim?*

— Não digas a ninguém. A última coisa que quero fazer hoje é preencher uma participação de acidente de trabalho. *Bom menino.*

Aprendi rapidamente que, a não ser que fosse preciso chamar uma ambulância, esta era a reação normal a um acidente durante as filmagens.

Ao longo da minha carreira, não levei muitos pontos, mas passei por vários traumatismos cranianos, e todos os dias fazia mais uma ou duas nódoas negras desagradáveis. Uma vez, tive até a doença da descompressão depois de trabalhar num tanque subaquático. Sempre que era golpeado, esmurrado ou derrubado, havia pouca simpatia da parte dos meus colegas, quando havia, mas esta mesma atitude aplicava-se a toda a gente nesta indústria. Éramos ímanes humanos de dor; era a nossa vida, e a dor era bem paga.

Apesar destes encontros diários com a agonia, nunca ficava nervoso antes de saltar de um edifício ou enquanto esperava que alguém me abalroasse com um carro conduzido a alta velocidade. A gestão do medo, para mim, era fácil, porque tinha confiança na minha capacidade de concretizar a acrobacia, independentemente do que esta exigisse. Um duplo de alto nível tinha de ter uma condição física tão boa quanto a de um atleta, tal como eu tinha, e vontade de trabalhar arduamente e de ser bem-sucedido sob pressão, tal como eu tinha.

Todas as manhãs, antes do início das filmagens, gostava de treinar sozinho, com pesos ou num trampolim. Havia uma boa razão para este nível de dedicação: se um coordenador de acrobacias tivesse dúvidas em relação ao meu esforço, ou se notasse que tinha aumentado ligeiramente de peso, teria sido despedido, porque ali não havia lugar para preguiçosos. Isto era particularmente importante tendo em conta que Dan Radcliffe tinha um peso e uma estatura semelhantes aos meus, apesar de ser alguns anos mais velho do que ele. Se aumentasse de peso e Dan não, o meu papel como duplo tornar-se-ia injustificado. Esta situação era muito pior para duplos do sexo feminino, porque havia poucas formas de o esconderem. Se uma dupla tivesse de cair de um lanço de escadas, havia a possibilidade de ter de o fazer enquanto usava uma saia ou um vestido, o que tornava impossível a utilização de qualquer proteção. Por norma, não usavam nenhuma. Pelo que vi, as duplas sofriam mais do que os seus colegas do sexo masculino.

A fisicalidade era tudo. Eu era forte e flexível, e também tinha completa consciência daquilo que o meu corpo era capaz de fazer, o que me dava confiança e me permitia gerir os riscos eficazmente, não só por mim, mas também pelos outros. Sempre que se fazia uma acrobacia, o papel dos duplos que não estavam em cena era promover a segurança. Ficavam junto à borda de um muro de Hogwarts para impedir que alguém caísse de lá abaixo, ou ficavam por perto com um extintor, caso uma acrobacia que envolvesse fogo corresse mal e o ator se tornasse na personificação do Inferno. Durante as gravações do filme *O Tesouro – Livro dos Segredos*, de 2007, com Nicolas Cage, fiquei a «tomar conta» de um operador de câmara que se focava no visor, enquanto um camião ia na sua direção. Se o condutor falhasse o alvo e se aproximasse demasiado, a minha função era puxar o operador pelo cinto, afastando-o do desastre.

A pressão durante esses momentos era sempre enorme, não só pelos perigos envolvidos — tanto para mim como para toda a gente à minha volta —, mas também pelos grandes custos associados à realização da maioria das acrobacias em filmes de ação, especialmente aquelas que envolviam explosões, o aluguer de aviões, lanchas ou he-

licópteros, e o desabamento de edifícios. Em algumas circunstâncias, um *take*[2] podia custar centenas de milhares de libras. Outros exigiam semanas de preparação. Mas o pior cenário era ter de passar dias a reiniciar um *take*, depois de o primeiro ter corrido mal. Às vezes, quando havia uma grande equipa de produção envolvida, numa localização hostil como uma montanha ou um deserto, e onde o clima era brutalmente quente ou frio, a pressão para o duplo acertar a acrobacia à primeira era imensa. Nessas situações, os queixumes que se ouviam quando algo corria mal eram como estalos na cara. Os aplausos, quando corria bem, davam-nos vida. Felizmente, recebi mais aplausos do que estalos.

E isso é porque conseguia controlar os nervos quando os riscos eram altos. Eu sabia que, se me pusesse sob demasiada pressão, iria começar a duvidar de mim próprio, o que é o pior sentimento que um duplo pode sentir. Em situações muito stressantes, poderia fraquejar e falhar. Assim, todos os sentimentos negativos tinham de ser silenciados. Uma vez, vi o duplo Theo Kypri a fazer um enorme salto com um trampolim. O seu corpo voou sobre uma estrada enquanto uma carruagem puxada por cavalos passava por baixo de si, a toda a velocidade. Se Theo tivesse calculado mal a sua aterragem, por um bocadinho que fosse, a queda de quase oito metros sobre um chão de cimento tê-lo-ia matado — isto é, se não fosse esmagado até à morte por um cavalo. Mas será que ele pensou duas vezes ou se sentiu inseguro nos momentos que antecederam o salto? *Nem pensar.*

Eu era exatamente igual. Em 2005, fui contratado para realizar uma acrobacia numa publicidade para o *Mini Cabrio* e a descrição da mesma era, como sempre, aterradora. Tinha de correr em direção a um trampolim pequeno e quadrangular, conhecido como *trampette*, e realizar um salto espetacular pelo ar enquanto os meus braços e pernas rodopiavam furiosamente. O local de aterragem era o lugar do condutor, no carro descapotável, e, assim que estivesse sentado, deveria arrancar como se nada tivesse acontecido. O alvo era incri-

[2] Filmagem de uma cena. [*N. T.*]

velmente pequeno; tinha de ser tudo feito na perfeição, porque, se ultrapassasse a minha marca, podia cair em cima do para-brisas ou ser empalado pela alavanca das mudanças. Se ficasse aquém, poderia dar com a cara no volante ou no para-choques, e partir os dentes todos. Enquanto ensaiava, sem ter em consideração estas implicações, consegui fazer a acrobacia corretamente várias vezes — mas tudo mudou quando as câmaras foram posicionadas.

Qualquer duplo concordará que, regra geral, os ensaios não valem nada. Há poucas pessoas a assistir. Não há câmaras ou engenheiros de som; não há assistentes ou pessoal do *catering*; não há assistentes de guarda-roupa ou maquilhadores. A temperatura é muito mais baixa porque as luzes do estúdio não estão ligadas. Além disso, os níveis de stress são muito menores porque os realizadores e os produtores controladores não estão por perto para fazer comentários. Conseguia passar o dia inteiro a ensaiar, sem qualquer problema. Mas, assim que os elementos que compõem uma gravação dispendiosa entram em ação, a pressão aumenta.

Para a publicidade do *Mini Cabrio*, as filmagens foram realizadas durante a noite, numa rua secundária do sul de Londres, e o local das filmagens estava completamente coberto por holofotes. Havia gelo seco a rodopiar pelo ar para criar um ambiente mais soturno, e o carro parecia brilhar na câmara. Mas, durante o primeiro *take*, fui encandeado pela luz ofuscante e foi incrivelmente difícil encontrar o ponto de aterragem — só tinha cerca de três centímetros de cada lado do banco da frente e abaixo do volante para colocar os pés. Depois da primeira tentativa, olhei em volta do estúdio e vi 60 pares de olhos postos em mim, incluindo os do coordenador de acrobacias, que me estava a pagar bastante dinheiro pelo trabalho, e dos dois duplos suplentes, que estavam preparados para me substituir caso partisse uma perna numa má aterragem. Graças a estas variáveis adicionais, foram precisas 15 tentativas até conseguir realizar a acrobacia corretamente. Esmaguei o rabo contra o manípulo das mudanças e embati com os joelhos no painel do carro. Colidi contra a parte de trás de um dos bancos e caí sobre o volante. Para contornar estes problemas, coloquei

algumas pequenas luzes LED vermelhas na zona dos pedais. Graças a este pequeno ajuste, consegui acertar corretamente no pequeno buraco entre o volante e o banco, e arrancar. Arrasei no *take* seguinte. E no seguinte. Depois peguei no meu cheque e fui para casa.

Os duplos são de uma raça diferente: o medo e o stresse não nos afetam, porque vê-los como adversários só convida ao desastre. (Mas eu sou a prova de que o azar nos pode afetar a todos.) Foi por isso que nunca me deixei intimidar pelo medo enquanto duplo, e porque não me deixo intimidar por ele enquanto pessoa que ficou paralisada do peito para baixo. A minha vida é, de muitas formas, mais assustadora agora do que era na altura em que voava em vassouras, lutava contra Feiticeiros das Trevas e me agarrava ao tejadilho de carros que se moviam a alta velocidade. Depois daquele dia de janeiro de 2009, surgiu em mim todo o tipo de medos. O medo de ser abandonado. O medo de nunca conhecer o amor da minha vida. O medo de ser um motivo de stresse para as outras pessoas. O medo de me cagar num voo de longa distância, o que, de repente, passou a ser uma possibilidade muito real. Tenho trabalhado muito para superar todos estes medos.

Atualmente, uso esses medos para me motivar durante a reabilitação e a fisioterapia, tal como fazia quando preparava as acrobacias. Os sentimentos negativos continuam a ser o combustível para cada novo desafio. Porque, afinal, o que é pior? *O medo de morrer ou o medo de não viver?* Não me interpretem mal, tenho coisas de que me arrependo. Sinto-me triste por não ter completado o meu trabalho como duplo de Dan Radcliffe durante toda a saga *Harry Potter*, porque esse era um dos meus sonhos. Conhecemo-nos na rodagem do primeiro filme; no início, ele era como um irmão mais novo, e tornámo-nos amigos próximos mais para o fim da saga. Mas esses sentimentos de arrependimento são raros e breves, porque fiquei a saber que só posso controlar o presente e que tudo o resto é, apenas e só, ruído. Além do mais, a minha lesão, embora chocante, era um risco profissional já conhecido. Eu sabia no que me estava a meter quando dei o passo em frente naquele ensaio em Godric's Hollow. Eu queria a adrenalina, o respeito e a aclamação. *Eu queria fazer parte da magia do cinema.*

Por isso, não fiquem tristes pelo meu acidente. Sintam-se inspirados pela aventura que vivi — e ainda vivo. E certifiquem-se de que mexem os dedos dos pés de vez em quando, porque conseguir fazê-lo é uma dádiva.

DAVID HOLMES, ESSEX, 2024